

**ENTREVISTA COM ELISA FREIXO:  
30 anos de música e engajamento cultural,  
nas cidades históricas de Minas Gerais.**

A entrevista com Elisa Freixo (organista-cravista, professora e produtora) nos apresenta um panorama dos trinta anos de concerto efetuados em um dos principais órgãos coloniais restantes no Brasil pertencente à Sé de Mariana. Este órgão, um Arp Schnitger constituído no final do século XVIII é reconhecido hoje com um dos mais antigos órgãos ainda em uso e que Elisa se empenhou em restaurar e manter em uso, não sem dificuldades. E foi em torno de “patrimônio” que Elisa Freixo iniciou a série de concertos todas as sextas e domingos. O órgão, além de sua beleza plástica comportando ornamentações barrocas e elementos orientais, nos impressiona pela sua gama sonora e possibilidades expressivas. É em torno desse instrumento que se tem organizado festivais além de seu papel nos serviços religiosos da Sé. A entrevista foi realizada em 29/11/2015 por Edilson V. de Lima (IFAC) e Rainer Patriota (IFAC). A transcrição foi de Pablo Sathler (IFAC) e a edição ficou a cargo de Vanessa Couto (IFAC).

*Como foi sua trajetória inicial, sua opção pela música e em particular, pelo órgão?*

Minha família tem uma estória curiosa. Minha mãe, particularmente, dizia que meu irmão e eu poderíamos escolher qualquer profissão e que ela apoiaria. Ao contrário de nossos pais, desde cedo tivemos oportunidade de fazer esportes, estudar música, cantar em coro e estudamos numa boa escola particular, onde estudar música fazia parte do pacote de estudos. Minha mãe percebia que eu tinha certo talento, mas travei certa briga com ela. Eu a provocava dizendo que não queria estudar piano e na hora de ir para a aula adiantava o relógio, perdia a partitura. Então ela propôs que eu estudasse duas horas por dia que ao final do mês me daria um presente. Ela tinha o intuito de me desarmar, desarmar minha resistência. Então começou a me pagar: dava um presente em dinheiro que certamente não era muito, mas era dinheiro. De certa forma, ela me comprou. Isso poderia ter dado muito mal, porém ela apostou. Depois de quatro meses fui honesta e disse a ela que não seria mais necessário me pagar, pois eu estava disposta a estudar com prazer. Aí então eu comecei e logo já estava tocando obras mais difíceis.

Com 11 ou 12 anos tocava sonatas de Mozart e peças do cravo bem temperado de Bach. Dava muito trabalho, sendo necessário estudar 2 ou 3 horas por dia. Enquanto todas as crianças da vizinhança brincavam eu estudava. Obviamente não era algo fácil, mas estava decidida a estudar e estudei. Com 16 anos já tocava bastante órgão eletrônico na igreja e então decidi que queria estudar órgão.

*Como foi sua ida para estudar no exterior?*

Fui estudar em Hamburgo e minha passagem durou três anos e meio. Paralelamente tive estudo particular na Suíça com um professor muito interessante, que é o Guy Bovet; também estive um ano e meio na França e, paralelamente, na Alemanha. Quando tive a minha primeira aula com Bovet paralisei completamente e falei: nossa! Isso é tocar órgão. Então achei que nunca soube o que era tocar órgão, porque ele realmente é um grande músico, um dos grandes organistas.

*Voltando ao Brasil, como se deu essa passagem para sua fase em Minas Gerais?*

Eu sabia que se ficasse mais tempo na Europa não voltaria mais, mas eu queria voltar. Então voltei para São Paulo e fiquei morando lá uns três anos, até que o órgão em Mariana foi inaugurado em 1984 (*curiosamente fui para Hamburgo em Setembro de 1977, mesmo mês e ano em que o órgão foi pra Hamburgo ser restaurado. Através de um padre brasileiro pude conhecer e tocar no órgão*). Em São Paulo trabalhei, retomei a convivência com os colegas músicos, fizemos muitos concertos, formei um grupo de alunos e dei muita aula. Mas não tinha muito bem uma coisa fixa. Todo mundo falava que eu tinha que fazer um doutorado. Os meus diplomas foram reconhecidos em nível de mestrado e se quisesse poderia fazer uma defesa de tese direto para o doutorado, mas naquele momento não era o meu objetivo. Enquanto isso, a cidade de Mariana precisava de uma pessoa que ajudasse um grupo de leigos, o qual era bastante entusiasmado com revisão de programa e tradução de palavras. Precisavam de alguém que acompanhasse organistas. Em 1985 estávamos recebendo os maiores músicos internacionais. Nunca tinha pensado em vir pra MG. Foi uma relação construída aos poucos. Fiquei alguns anos no vai e volta. Eu tinha um pequeno alojamento aqui, vinha tocar em uma ou duas missas, acompanhava um organista, ficava mais uns dias com ele e depois que ele

ia embora tocava em mais alguma missa e voltava pra casa. Até que em determinado momento apareceu uma ajuda de custo e eu pude ficar. Os maiores organistas do mundo vieram tocar aqui – como o próprio Guy Bovet – e passei a organizar com eles algumas *masterclass*. Tanto é que depois alguns dos meus alunos passaram a ter contato com esses organistas na Europa. Fomos crescendo nessa direção e fui virando um pouco uma representante desse órgão na Europa.

*Quando a sua relação com Mariana incorporou-se de forma mais completa em sua vida musical e passou a ser o lugar do seu trabalho?*

Vim pra cá em 1985 tocar a primeira vez; em meados de 1988 já tinha um apartamento alugado aqui e dava aulas particulares em Belo Horizonte. Fiz sempre um percurso um pouco marginal: nunca entrei numa universidade e nunca tive laços ou contratos. Então em 1988 estava bem definido que eu estava em Mariana: tocava nas missas, respondia pela integridade do órgão, era responsável pelo recebimento dos jornalistas e das visitas, usava o órgão para fazer concerto para as escolas e acompanhava os músicos internacionais. Esse trabalho foi tendo tanta demanda que chegou um momento – em 1994 – que optamos por regularizar essa programação, que era muito informal, e isso veio como sugestão de empresas de turismo. Então fazíamos do seguinte modo: uma curta apresentação depois da missa de domingo, com uns 20 minutos, muito informal, sem cobrar ingresso. Quem estava na igreja ouvia a gente tocar. O concerto é uma forma muito especial de atingirmos todos os tipos de público e, dessa forma, o órgão estava fazendo o papel dele. Desse modo, nós sobrevivemos a diversas mudanças, inclusive de prefeituras e bispos.

*Houve alguma mudança no trato com o patrimônio, inclusive no investimento?*

Sim, teve uma mudança na questão do investimento, uma conscientização a respeito do que é patrimônio, uma valorização do que é patrimônio histórico. Então, com certeza tudo ficou mais fácil hoje em Minas e isso como resultado um pouco do nosso trabalho, mas também das mudanças litúrgicas e dos governos federais recentes (*do PT*) que valorizam bastante o que é ser brasileiro. Apesar da atual grave crise política e econômica, o governo que está aí (2015) foi quem mudou a consciência do que é Brasil,

do que é brasilidade, patrimônio e orgulho nacional. Não foram os governos anteriores, governo militar, tão pouco o PSDB, foi o governo do PT. Quem trabalha com patrimônio histórico percebe uma mudança brutal.

*Nunca pensou em entrar numa universidade para criar essa base institucional e fomentar de forma sistemática o trabalho que faz?*

Entraria em qualquer universidade em qualquer momento se eu não precisasse assinar um documento de exclusividade e de horário integral. Eu acho que isso é um processo cruel. Poderia ter entrado numa universidade quando estava no auge da carreira, porém teria que parar com grande parte do meu trabalho para dar um título de exclusividade à universidade pública. Esse foi um impedimento para mim e o é para um número grande de artistas. Vejo todos os meus colegas que fazem carreiras independentes com essa dificuldade e até tentei fazer isso. Entrei na universidade como visitante por duas vezes, fiz incursões, coordenei a abertura do IFAC (Instituto de Filosofia, Artes e Cultura), do curso de música. Trabalhei lá um ano no lugar da Berenice Menegale quando ela assumiu a Secretaria de Estado da Cultura. E daí nós encaminhamos a criação do curso para pedagogia musical – decisão que tomou bastante energia. Foi muito interessante, mas eu nunca tive o pique de abrir mão da minha vida e da minha carreira. Eu seria infiel a mim se fizesse isso. Minha vida virou uma coisa improvisada de tanto material que tenho e de tantas peças de restauro de órgãos que ninguém tem onde pôr. Um acervo de informações importantíssimas que precisam cair na mão de alguém. Isso precisa ser formalizado e, de preferência, ter reconhecimento institucional ou pelo menos através de convênio. Imagino que todas as minhas coisas vão para algum lugar quando eu não viver mais. Então, enquanto estiver viva e puder trabalhar talvez eu precisasse ter um núcleo porque realmente é muito papel, é muita informação. Muita coisa não está organizada da forma como deveria. Minha vida é uma vida de uma artista intérprete. O meu foco principal é tocar, não é pesquisar. Mas todo esse trabalho precisaria ser formalizado.

*Você se define realmente como um artista intérprete?*

Sou uma artista intérprete independente. Entendo-me como uma pessoa independente. Se eu pudesse trabalhar numa universidade, continuando a ser a pessoa que sou, negociando comigo um espaço. Trabalho nas segundas, terças e quartas, mas não assino um papel de exclusividade. Temos muitos amigos que trabalham segundas, terças e depois fazem os seus projetos, que podem ser pessoais e que também podem estar inseridos dentro do espaço da universidade. O duro para mim é assinar o papel da exclusividade. Prometer que terei 40 horas e serei exclusiva? Não vou! Ponto final. Não serei exclusiva de ninguém nunca. Eu sou exclusiva minha (risos). Então tenho que ser exclusiva da minha forma de pensar e a minha forma de pensar é essa. Acho que um artista tem que ter liberdade e se ele não tiver liberdade para ir ou para voltar ele perderá alguma coisa. Dificilmente ele vai ser um intérprete realmente livre. Acho que esse é um problema muito grave das escolas e que devia ser retomado. É uma pena que as escolas de arte tenham esse item de exclusividade.

*Nos EUA, existe a carreira do professor e do professor artista/ performer. Onde sua exclusividade não requer apenas a sequência de aulas, mas também continuar fazendo performance e pesquisar para isso, continuar ganhando para gravar CD, fazer concerto. No Brasil nós não temos isso. Nós temos apenas a carreira acadêmica, e quem é da performance acaba sendo subsumido para um lado. Acredita que talvez seja preciso criar aqui essa nova carreira jurídica?*

Sim, essa é uma crise para mim. E sei de outros músicos extremamente frustrados por estarem trabalhando em instituições acadêmicas pela segurança do emprego/salário e não conseguirem mais tocar ou por terem diminuído 80% do tanto que tocavam. Temos muitos amigos chorando por isso e eu tomei essa cruel decisão. Imagino que se minha vinda para Minas não tivesse dado certo certamente estaria em São Paulo ligada às escolas particulares porque tenho uma boa relação com algumas escolas. Daria algumas aulas e talvez até tivesse uma fonte de renda junto a essas escolas mais formais, formando pessoas, fazendo alguma matéria teórica, etc., mas não numa escola pública que exigisse essa exclusividade.

*Desde os anos 70 você vem trabalhando com música antiga. Qual é sua relação com a música colonial brasileira?*

A música antiga não foi a especialização que procurei no meu estudo. Essa especialização foi motivada pela minha atividade profissional. Estudei música antiga, mas fiz piano e órgão em todo o repertório. Não fiz um curso de órgão fundado em música antiga; toco órgão sinfônico. Faço muito repertório contemporâneo e continuo fazendo com muito prazer. Com o cravo também toco muito repertório contemporâneo. Os órgãos que nós temos aqui são todos antigos e os mais recentes estão num estado deplorável de manutenção. A manutenção dos instrumentos no Brasil é um problema grave. Estando aqui, acabei me envolvendo muito não só com a questão da música antiga, mas da cultura barroca e os diversos núcleos que nos cercam. Por exemplo, o CECOR (Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais da UFMG), que foi quem restaurou a caixa do órgão da Sé. Logo muito cedo eu tive contato com o pessoal do CECOR. São restauradores interessantes, instigantes, todos lendo muito, produzindo, fazendo congressos e encontros. Sempre sou chamada para tocar nos encontros. Também estive envolvida no curso de barroco do IFAC, que está pausado, mas espero que volte.

*Levando em conta essa tragédia com o Rio Doce, que lhe deixou bastante entristecida, quais são seus projetos e expectativas para o futuro?*

Mariana é uma cidade curiosa. Depois de 30 anos de convivência tenho que dizer o quanto pesa a convivência com uma sociedade extrativista. A sociedade é extrativista, a nossa cultura é extrativista; então nós somos extrativistas. Incluo-me por ter a cidadania marianense e tiradentina. Hoje me sinto uma pessoa confortável em diversos lugares. Estou integrada, porém essa questão da mineração é muito complexa. Depois do gravíssimo acidente do mês de novembro (2015) em Mariana temos um sinal dessa complexidade. Isso mostra o quão imediatista é a mineração. O minerador, a nossa cultura como um todo, é imediatista. Cultura de fazer os buracos, tirar o ouro ou tirar o metal e em poucos casos tapar estes buracos. Haja vista que nós estamos com as barragens aí, estão todos sabendo que são mais de 400 e ninguém se preocupa com elas. Nós vivemos do lado delas e elas não nos incomodam. Elas só nos incomodaram agora porque uma delas rompeu e então todo mundo se deu conta de que o que está dentro da barragem é lixo tóxico. Se não houvesse esse rompimento elas poderiam ficar aí mais

10 anos e ninguém saberia que o que estava ali dentro é lixo tóxico. Outras coisas a gente aprende, como por exemplo, até os dias de hoje se encontra muito ouro misturado com ferro e a retirada do ouro é muito tóxica. Mas também vivemos o outro lado dessa sociedade mineradora, que é o lado da cultura da riqueza e dos bens do século XVIII, que chega aos nossos dias. Do ponto de vista histórico que as sociedades nos legaram, São Paulo foi uma cidade barroca maravilhosa e está inteiramente destruída. Se você quiser ver uma cidade barroca como foi São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e tantas outras, você tem que vir para Ouro Preto, Mariana, São João Del Rey, Tiradentes, Caeté, Diamantina, enfim. Então é aí que nós temos dois aspectos muito graves de um mesmo desenvolvimento, que é a extração. Essa questão da extração tem que ser repensada. Creio que nos dias de hoje muitas pessoas estão preocupadas.

*Você quis dizer que a sociedade extrativista não estabelece vínculos, que o vínculo dela é a riqueza que pode ser extraída e ser levada para onde quer que seja. Desde o ciclo do ouro essa é uma situação verdadeira. E o seu trabalho estabelece vínculos culturais-sociais. Sabemos como as mineradoras tendem a ser predatórias... A sociedade extrativista está ao nosso redor, como se sente inserida nisso?*

Acho que é uma confrontação difícil de lidar. Sempre soube que estava inserida numa sociedade extrativista. Acho que uma das razões dos nossos projetos serem difíceis é exatamente essa. É difícil estabelecer vínculos. As minerações, em geral, são passageiras. São exploradas enquanto existem e na hora que não existem mais deixam de ser exploradas. Depois vão para outro lugar para explorá-lo. Essa atitude de passagem que permeia as mentes, os corações e as almas das pessoas que estão aqui é um fato. Não é uma coisa com a qual você tenha que brigar. As próprias pessoas envolvidas na extração sabem que aquilo é passageiro, sabem que elas precisam se apegar a alguma coisa. Apegar a alguma coisa significaria estabelecer uma cultura mais tranquila, menos agressiva, ter mais educação, educar melhor os filhos, trabalhar melhor a questão da história que nos cerca. Então, penso que as pessoas no momento estão brigando bastante.

*O turismo aqui tem sido uma força inicial do seu trabalho, ele ainda é um aliado?*

Sim. Nós vivemos de turistas, a maior parte do nosso público é de turista. Hoje a divulgação se faz quase automaticamente, pois estamos em todos os guias de viagem do mundo, até mesmo na China. Somos divulgados em diversos sites. Mesmo que em alguns sites nossas informações não estejam atualizadas, não deixamos de estar no ar. Além dos turistas que estão de passagem, temos também trabalhos perpétuos com as escolas e grupos de pesquisa que nos visitam todos os anos. Então temos sim um contato grande com o seguimento turístico.

*Acredita existir uma política de turismo eficaz, que dê conta do potencial que essas cidades históricas possuem?*

Não, porque as nossas cidades hoje têm muitos problemas administrativos e políticos. E não é apenas Mariana. Essa é uma característica comum das cidades históricas: possuem graves problemas políticos e sociais. Vemos frequentemente muito patrimônio cair: todo mês uma casa ou uma coisa importante cai ou é perdida. Isso não ocorre apenas no centro, mas também nas periferias e distritos. Estes são locais menos controlados. Alguns distritos foram 100% barrocos há 20 anos e hoje não possuem nem mesmo uma casa histórica em seu estado original. Em muitos casos transformaram estas casas com reformas e puxadinhos. O fato de essas cidades terem problemas políticos faz com que o turismo esteja muito ressentido, porque nós não temos secretarias de turismo forte e nem mesmo projetos de turismo com divulgação das cidades. Nós não temos sequer programação para atender aos turistas. Faltam diversos serviços e esse é mais um discurso que escuto há 30 anos, desde que cheguei aqui. Não vemos ações realmente eficazes. O que vemos são pessoas fazendo trabalhos eficazes. Então tem um bom hotel, um bom restaurante. Ou tem cinco bons hotéis, cinco bons restaurantes, por causa do dono do hotel e por causa do dono do restaurante. Tem um bom evento porque um grupo de pessoas se juntou e resolveu que o evento vai ser bom, seja na universidade, nas cidades ou na seção comercial. Mas, claramente, é um turismo pautado por iniciativas individuais e também algumas estritamente privadas.

*O que espera do seu futuro?*



Primeiramente espero que Deus me dê uma vida mais longa. Minha mãe teve uma vida muito longa e bastante produtiva até os 85 anos. Às vezes eu olhava para ela e pensava se chegaria do jeito que ela chegou. Acredito que ela chegou bem. E como na minha família as mulheres vivem muito espero poder viver muito e vivenciar mudanças realmente importantes.

*O que deseja do presente?*

A primeira coisa que precisa acontecer é que tenhamos um orçamento mais generoso. Sempre trabalhamos com orçamentos muito fechados e a falta de dinheiro em médio prazo traz consequências. Um orçamento mais generoso seria útil para trabalharmos com mais tranquilidade, generosidade, equipe, segurança, alegria e com mais material, oferecendo acesso a pessoas que não têm condições de pagar. Essa questão financeira poderia trazer uma série enorme de soluções, que seriam muito bem-vindas nessa altura do campeonato. Hoje existe uma demanda completamente maluca e inadmissível das igrejas, que querem restaurar seus órgãos. Nós estamos com mais de 50 pedidos.

*Seria o caso de criar uma empresa que cuide deste âmbito para que você possa coordenar?*

Nós estamos trabalhando. Tenho sociedade e um sócio que é administrador. Em cada local onde trabalhamos formaram-se núcleos, comissões, mas neste momento tenho 16 projetos. Preciso ter anotado cada igreja onde estou trabalhando e o nome das pessoas e das equipes porque já não consigo mais me lembrar. Se me pergunto ‘como é mesmo o nome do administrador da comissão de tal igreja?’ eu já não sei mais de tantas pessoas que me cercam no momento. Então nós estamos com essa demanda, que é uma demanda de um núcleo e não de uma pessoa. Isso precisa mudar. É difícil, pois acabei fazendo um percurso incomum, mas ao mesmo tempo esse percurso é interessante, desafiador e estimulante. Acredito que seja o que mantém o meu brilho no olhar. Acabo tendo contato com assuntos variados e até com autoridades das igrejas de diversos credos e muitos me procuram para ajudar. Porém, sinto falta de auxílio porque entre os meus colegas não encontro pessoas em condições de encarar esse desafio comigo.

*Seria difícil achar pessoas dispostas?*

Não apenas pessoas dispostas, mas também com informação. As pessoas que têm informações a respeito de organaria não estão no Brasil. Tenho alguns ex-alunos bastante competentes fora do Brasil, o que torna difícil. É muito difícil trazer mão de obra de fora do Brasil para trabalhar aqui. Já tentei muitas vezes. Fui ao Ministério do trabalho compreender se a minha empresa pode trazer uma pessoa, quais as condições trabalhistas que eu teria que cumprir, mas é praticamente impossível. No momento é impossível. É necessário arcar desde o seguro de vida e até provar que não tem outra pessoa aqui em condições de fazer esse trabalho. O Ministério do trabalho é cruel para importar mão de obra e ainda mais numa área tão específica quanto a nossa, que certamente não tem mão de obra. Ainda, sim, é bem difícil. Então, acho que no momento além desses projetos maravilhosos que me cercam e que me desafiam, entendo que eu precisaria de um pouco mais de formalização.